



DOCUMENTA
VESTIDA DE MAR. ESPETÁCULO E
TRADUÇÕES

Marcus Mota
Universidade de Brasília
E-mail: marcusmotaunb@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, são disponibilizadas as traduções utilizadas para a elaboração da dramaturgia do espetáculo **Vestida de Mar**, baseado na vida e obra da poetisa argentina Alfonsina Storni.

Palavras-chave: Tradução, Teatro, Alfonsina Storni.

ABSTRACT

*In this paper, the translations used for the elaboration of the dramaturgy of the play **Vestida de Mar**, based on the life and works of the Argentine poet Alfonsina Storni, are available.*

Keywords: Translation, Theatre, Alfonsina Storni.

PRELIMINARES

Um dos trabalhos que mais gostei de participar foi o **Vestida de Mar**, baseado em textos da poetisa argentina Alfonsina Storni¹.

Inicialmente, fui cont(r)atado pelo diretor Ricardo César para fazer a dramaturgia. O processo criativo já havia se iniciado com estudos e improvisações. Como meus horários disponíveis não coincidiam com os ensaios, e não poderia participar do processo criativo, acabei por funcionar como uma consultoria dramaturgical aliada à tarefa de produzir materiais textuais que seriam utilizados nos ensaios. A dramaturgia mesma nasceu da relação entre o diretor e a atriz, Gelly Saigg. Fiquei tão feliz com o processo que compus uma música de presente para o espetáculo, “Mar e Morte”, que foi usada na abertura da peça junto ao público².

Seguem-se a narrativa de minha participação e os materiais produzidos.

TEATRO/TRADUÇÃO

Inicialmente, são disponibilizados os *emails* trocados com o diretor quando da entrega dos materiais que configuram o primeiro esboço.

Em seguida, temos o primeiro esboço de roteiro, com proposta de cenas em sucessão e textos que seriam utilizados nessas cenas. Ora, um roteiro assim, mesmo que aberto, sugere ordem temporal das cenas, espaço, agentes, ações, objetos, etc. Como a condução do processo criativo se direcionava para o papel ativo da intérprete e da situação mesma dos ensaios, uma outra textualidade mais aberta ainda necessitou ser efetivada.

Em uma análise imediata, este meu esboço, elaborado e expandido entre 13/04/2011 e 09/05/2011, mostra essa indecisão ainda entre o meu papel no

1 Para a ficha completa do espetáculo, v. o blog <http://espetaculovestidademar.blogspot.com.br>. A montagem inicial contou com o apoio do Fundo de Arte e Cultura do GDF, e estreou em 22 de julho de 2011, tendo depois circulado em diversos teatros do Distrito Federal e do Brasil.

2 Ainda mais que uma das inspirações do espetáculo é a belíssima canção “Alfonsina Y el Mar”, composta por Ariel Ramírez e Félix Luna, e imortalizada na voz de Mercedes Sosas no disco *Mujeres Argentinas*, de 1969. Compus a música “Mar e Morte” depois de sair no ensaio, cantando no carro, no dia 17/05/2011.

processo criativo: fornecer um texto a partir dos textos de Alfonsina, texto este que iria aos poucos obter a forma de uma dramaturgia integral; ou prover uma antologia de materiais textuais que seriam utilizados durante o processo. Os textos escolhidos são agrupados dentro de cenas. Mas há trechos de várias fontes, já indicando o caráter de seleção e combinação de materiais, o que seria um dos fundamentos do processo criativo, no lugar de uma exposição biográfica linear da poetisa argentina.

Depois que meu papel ficou definido, passei a enviar traduções de textos de poemas e em prosa de Alfonsina Storni, os quais estão aqui disponibilizados. Eu traduzi os textos inteiros, que depois eram em parte ou totalmente aproveitados.

Em um momento final, próximo das apresentações, que se deram entre julho e agosto de 2011, foi-me solicitado a produção de um texto consolidado do espetáculo. Segue abaixo também este documento.

Nem tudo que eu produzi/traduzi para a montagem foi aproveitado. Ainda outras traduções de poemas foram aproveitadas, como se pode ver nas notas.

De tudo, ficou uma experiência de flexibilidade: de um papel já dominado por mim, o dramaturgo, para o de dramaturgista-tradutor. Como o espetáculo era mais uma homenagem à poetisa argentina, procurando fazer notar um misto de sensações, imagens e fragmentos biográficos, o meu papel de pesquisador-tradutor-antologista foi eficiente para o projeto.

Em todo caso usei neste projeto estratégias desenvolvidas como dramaturgo no LADI, aplicando-as a um contexto não acadêmico: a) pesquisa bibliográfica prévia; b) anotações iniciais; c) diversos esboços dramáticos.

Creio que essa experiência é um caso bem interessante nas relações entre teatro e tradução. Muitas vezes uma dramaturgia é elaborada a partir de textos diversos e não conectados os quais, a partir do processo criativo, vão adquirindo ordem, extensão e duração. De uma massa heterogênea inicial, aos poucos o trabalho de cena vai realizando os nexos, os cortes, os acréscimos, as inserções, os deslocamentos. O ato tradutório poderia estar tanto ao lado de um texto inteiro traduzido e depois reelaborado no processo criativo, quanto nesse exemplo de acumulações, de contínuo contato com o diretor. Creio que cada um tem seu espetáculo na cabeça, e neste espetáculo de viés colaborativo, as coisas funcionaram para mim quando as funções ficaram definidas.

O MOMENTOS INICIAIS

a) email de Marcus Mota para Ricardo César, 13/04/2011³

Ricardo, passei a manhã com a Alfonsina...

Olhe, retomando algumas coisas que conversamos:

³ O convite para participar do projeto veio por email em 12/04/2011.

cena inicial: quarto, despedida para a morte, arrumar as coisas, escrever a carta de despedida, e último poema, lembrar. Os fatos: ela vagou por horas pelas ruas de Buenos Aires antes de se jogar de um pontão da praia- um morro alto. outros: Alfonsina, por lo visto, consideraba que el suicidio era una elección concedida por el libre albedrío: en un poema dedicado a Quiroga expresa su admiración por la valiente decisión del escritor. De esta forma, en octubre de 1938, se marcha a Mar del Plata, supuestamente a descansar. Una noche, después de unas horas de intenso dolor, llama a la asistenta de la pensión donde se hospeda y le dicta una carta para su hijo. En la madrugada del 25 de octubre, Alfonsina, de cuarenta y seis años, bajo una lluvia torrencial, se arroja al mar desde un espigón dejando como testamento un poema, «Voy a dormir», y una carta de despedida a su hijo Alejandro. (informações: e [http://cvc.cervantes.es/actcult/storni/acerca/urrero.htm./](http://cvc.cervantes.es/actcult/storni/acerca/urrero.htm/) <http://cvc.cervantes.es/actcult/storni/biografia.htm>)

Então, podemos ficar como quarto de pensão, com a janela, com os da chuva, com o ruído do mar, com o vento na janela. Depois de mostrar o quarto vazio, sob a música de Mercedes Sosa (sem a letra, só a parte instrumental), Alfonsina entra como depois de um banho, de robe, para fazer menção a seu último banho e seu se preparar para a morte. Ela pode entrar entoando a melodia da canção título mas sem as palavras.

e empregada da pensão? Alfonsina precisa falar com alguém, para não ficar tão isolada em cena. Ela pode ditar o poema via telefone, escrever, ler em voz alta, ela pode ir para a janela algumas vezes. Acho que o salto dela para a morte pode ser em um momento final de frente para o público em que ela se projeta para frente e daí temos blackout.

No ditar e no falar, lembrar que ela tem câncer na garganta e que toma remédios contra a dor(morfina).

o Andar pelas ruas de Buenos Aires, pode ser feito com projeções.

informações: [http://cvc.cervantes.es/actcult/storni/acerca/urrero.htm./](http://cvc.cervantes.es/actcult/storni/acerca/urrero.htm/)

<http://cvc.cervantes.es/actcult/storni/biografia.htm>

Então, podemos ficar como quarto de pensão, com a janela, com os da chuva, com o ruído do mar, com o vento na janela. Depois de mostrar o quarto vazio, sob a música de Mercedes Sosa (sem a letra, só a parte instrumental), Alfonsina entra como depois de um banho, de robe, para fazer menção a seu último banho e seu se preparar para a morte. Ela pode entrar entoando a melodia da canção título mas sem as palavras.

e empregada da pensão? Alfonsina precisa falar com alguém, para não ficar

tão isolada em cena. Ela pode ditar o poema via telefone, escrever, ler em voz alta, ela pode ir para a janela algumas vezes. Acho que o salto dela para a morte pode ser em um momento final de frente para o público em que ela se projeta para frente e daí temos blackout.

No ditar e no falar, lembrar que ela tem câncer na garganta e que toma remédios contra a dor(morfina).

o Andar pelas ruas de Buenos Aires, pode ser feito com projeções.

informações: <http://cvc.cervantes.es/actcult/storni/acerca/urrero.htm/>

<http://cvc.cervantes.es/actcult/storni/biografia.htm>

b) Email notas. De Marcus Mota para Marcus Mota. 26/04/2011⁴

NOTAS INICIAIS A PARTIR DAS LEITURAS

poema 'silêncio' irremediavelmente. Poema 'Luz

1892-1938. 45 anos.

Buenos aires, guerra mundial. poesia.

vida moderna

poesia e cotidiano (Este Libro), vida e poesia. crônica poética.

Mara del plata. mar morte.

"La Loba"

Hombre pequenito (1919)

Sociedade a rodeia-leitores curiosos.

reuniões literárias. recitais poéticos.

suicídio de quiroga.

câncer no seio.

gabriela mistral, juana de ibarbourou.

conferecina um par de maletas a medio abri

anti sonetos.

toma o trem para Mar del Plata. último poema. voy a dormir.

lugar iluminado. luz na janela.

versos tradicionais e temas líricos.

amor desilusão morte

marcha livre, sem formação acadêmica, sem escolas.

Poema LUZ (1919) nova poesia. desejo do novo.

Poema Rebeldia mar, mergulho ondas, ruptura.

poema Ir e venir (instauração) desabafo. liberdades formais, liberdades existenciais.

época de transformações- cidade e a mulher. tardo simbolismo.

ruptura, mudança, experimentação formal??

4 Várias leituras e pesquisas para começar a produzir o texto. Além das antologias poéticas de textos de Alfonsina Storni, li as teses: ALFONSINA STORNI: ANÁLISIS Y CONTEXTUALIZACIÓN DEL ESTILO IMPRESIONISTA EN SUS CRÓNICAS, de Claudia Edith Mendez; EL TEATRO DE ALFONSINA STORNI: FEMINISMO E INNOVACIÓN, de Celia Garzón-Arrabal; **A constituição da subjetividade feminina em Alfonsina Storni: uma voz gritante na América**, de Nildicéia Aparecida Rocha; SUBJETIVIDAD FEMENINA Y EXPERIENCIA MODERNA EN LA ESCRITURA DE ALFONSINA STORNI, de Alicia N. Salomone; De la Poesía Intimista a la Vanguardia: El sujeto lírico y la ciudad en Languidez (1920, Mundo de Site Pozos (1934) y Mascarilla Y Trébol (1938), de Alfonsina Storni, de Idalia Morell Marrero; e o livro **La Poesia de Alfonsina Storni**, de Lucrecio Pérez Blanco; e o artigo Alfonsina Storni, Uma flâneuse nas Ruas de Buenos Aires, de Karina Rocha.

poema Selva de mi ciudad sentir-se prisioneiro. espaço interior/exterior.
Poema vaticínio!!!!!!
Poema Imagen dinamismo. versos disposição alternada, supressão de pontuação.
o eu à deriva busca a face perdida. lê ruínas, vazio. a cidade muda mais rápido que o coração de um mortal.
professora de declamação desde 1922. primeiro teatro infantil.
1927 primeira obra para adultos
estilo de vida não apropriado a uma mulher argentina. material biográfico.
expor mãe solteira.
1931 viagem a espanha. muda estética.
pouca teatralidade e teatro de tese.
primeiro peças no novo estilo, vanguardas, depois poemas.
poema Mundo de sete Pozos.
tema tabu(mãe solteira cria seu filho), falta de teatralidade, tese.
dedicou a vida ensinando teatro.
feminismo escrever para jornal artigos e crônicas.
tratamento satírico da classe média- mulheres e maquiagem.(22)
defeitos femininos, 24.
contraposição mulher fútil/mulher independente.
jogo de olhares, homem que olha a mulher, mulher que olha o homem, mulheres que olha a si mesma a partir do olhar do homem. a mulher como o outro do homem. espectadora ideal feminista.
Hécuba/ Cimbeline. reescrita de obras clássicas. de mulher a mulher.
El amo del mundo (1927) A debilidad de Mr Dugall(1930) 1930 viragem. viagem europa. peças experimentais. antes, peças realistas tradicionais.
Construção da figura feminina.
El amo del mundo(1927) direito de qualquer mãe viver como mãe solteira. Tese. Solução. Não fica em casa, não fica calada. sai do país com seu filho. Maragarsarcarsmo. Recepção crítica negativa- peça e biografia. quem escreve.
CONTRA A frivolidade das mulheres.
saí para olhar as coisas do mundo por mim mesma, por minha própria conta e risco.65.
rebanho, imagens patriarcais.
homens, animais. superioridade intelectual.
contra superioridade do homem

dougall- casamento, mulher negra, que larga o lar, querer e não o dinheiro.
mulher sujeito/mulher objeto.
nova mulher , um novo homem.

de 1931 a 1937. professora de declamação. teatro infantil.

c) email de Marcus Mota para Ricardo César, em 02/05/2011

Ricardo, tô construindo o ritmo do texto a partir dos textos da Alfonsina. estou te enviando as duas primeiras cenas. abs. explorar essa intertextualidade dá trabalho. Na primeira cena, uso trechos de vários poemas . na segunda uso trechos da primeira peça dela. abs.

1 PRIMEIRO ESBOÇO. EMAIL DE 09/05/2011

VESTIDA DE MAR

1 CENA DE ABERTURA – HALL DE ENTRADA

Em meio ao público ALFONSINA fala:

E por que não a poesia? Por que não? “Meus nervos estão loucos, nas veias/ o sangue ferve , líquido de fogo/ salta dos lábios, fingindo logo/ a alegria de todas as festas. O mundo late, e toda a sua harmonia/ sinto tão vibrante que a faço minha/ quando me derramo em sua trova feiticeira./É que abri a janela nesse momento/ e nas finíssimas asas do vento/ me trouxe seu sol a primavera.”

Por que não a poesia, as palavras ditas em teu rosto, as imagens e os sons de uma descoberta: a vida, a vida mesma, com suas flores e danos, a vida enfim em tuas mãos, pra se sentir e decifrar, pequenos enigmas, que começam no verso claro e obscuro: “Pó de ouro em tuas mãos foi minha melancolia/ sobre tuas mãos enormes derramei minha vida;” Para que se ouça a voz silenciosa do mundo, as coisas infinitas em seu rumor e música, uma noite eterna que nos abre a alma para as insondáveis realidades: “Essa noite duas palavras você sussurrou- duas palavras tão doces, que a lua que andava sorradeira nos ramos se deteve em minha boca. Duas palavras tão doces que uma formiga passeia em meu pescoço e não penso em me mover e afastá-la. Tão doces e tão belas palavras que nervosos meus dedos se movem imitando tesouras, meus dedos como se quisessem cortar estrelas.” Música feita de suspiros e silêncios, que se oferece apenas a quem toma tempo para ouvi-la: “ Nunca se perguntou por que mundo depois de outro pelo céu profundo seguem sem som? É que os que transpiram as coisas absolutas por azuladas rotas sempre caladas giram. Somente o homem, nada, com seu humano latido na terra, arfa, somente o homem faz ruído.” E assim sou, por meus olhos, pelo que ouço: “Sim, se me movo, vivo, me equivoco, água que corre e se mistura, sinto a vertigem feroz do movimento: cheiro as selvas, terra nova toco.” Por isso, a poesia, o meu amor pelas coisas.: Pois “Meu coração é como um deus sem

5 Todos os trechos são de textos de Alfonsina Storni. Como era a tradução de material que seria depois aproveitado ou não no processo criativo, não identifiquei as fontes textuais. Pois nem pensava um dia que publicaria. Por isso apenas reproduzo o texto traduzido, sem o original e as referências.

língua, muda está a espera de um milagre, amei muito, todo amor foi parco, que todo amor conheci à míngua. Amei até chorar, até morrer, amei até odiar, amei até a loucura, mas eu hoje espero algum amor natura, capaz de me renovar e redimir. Amor que frutifique meu deserto, que me faça brotar ramas sensitivas, sou uma selva de raízes vivas, apenas as folhas mortas tem o aspecto. Gelo e mais gelo recolhi na vida: preciso de um sol que me dissolva.

As pequenas coisas, o sonhador desperto andando por entre os jardins das coisas que colhem com os olhos – é assim que me vejo, é assim que observo.

Por isso, mais do que nunca, a poesia.

2 CENA DE MEMÓRIA

Como em conversa com o público

(depois da volta da Europa)

Pois Buenos Aires é um homem que tem as pernas grandes, grandes os pés e as mãos, mas pequena a cabeça. Em seus olhos, mosaicos de cores, reflexos das cúpulas e luzes das cidades europeias. A cidade dos homens gigantes, pequenos em sua miséria e estupidez, é onde eu tenho vivido grande parte de meus 46 anos. “Você me quer branca, de espuma, pérola, doce flor, e pura, casta, perfumada, de pétalas fechada. Que nem os raios da lua me atravessem. Nem outras flores tenha por companheira. Você me quer branca, de neve. Você, logo quem, que bebeu em todos os copos, lambuzado de mel e frutos os lábios. Me quer branca – Deus te perdoe! Me quer casta ... É muita pretensão. Vivi a vida inteira cercada de homens assim, homenzinhos, até que um dia eu falei “Homenzinho, homem pequenino, solta teu canário que eu quero voar. Estive em tua gaiola, homenzinho, digo pequenino porque não me entende, nem nunca vai. Eu também não te entendo mas enquanto isso, abre a gaiola que eu quero voar. Olha homenzinho, te amei por meia hora, agora não me procure mais.

Eu fiz uma peça de teatro, a minha primeira “O dono do mundo”. Eu defendia uma tese e uma solução. Uma mulher como eu, mãe solteira, Márgara, decide dizer não à sociedade e vai embora pra Europa, como eu, atrás de “outras gentes, outras vidas, outros modos de ver, de sentir, de realizar... E de lá ver o resto do mundo. É preciso ver tudo, pensar tudo, comparar, estudar, compreender tudo com tudo.” Márgara prefere isso a se casar com alguém que gosta da mulherzinha. Outros antes mim já haviam colocado mulheres independentes em cena, desafiando e denunciando o tal ‘hipocrisia social’ ou o ‘patriarcalismo’. Fui então arrasada, destruída pela crítica. Será por que minha heroína, como eu, não se calava, não se ficava reclusa dentro de casa? Pode uma mulher mãe solteira ter o direito de fazer o que quiser de sua vida?

(Pega críticas de jornais). “A senhorita sentou-se e colocou no papel tudo que vinha em sua cabeça sem se preocupar com o espaço da cena e o enredo. Com isso, esgotou tudo que tinha a dizer antes da peça terminar, ficando na incômoda situação de se apoiar em qualquer coisa para encerrar o ato final. Daí o público não aguentar assistir mais nada, verdadeiro anticlímax. Sem dizer que o que ela usou como técnica – ritmo lento e falta de ação – não passa de defeitos sérios.”

Ainda, “a tese da peça é que os homens, em seu orgulho e egoísmos, devem ser criticados, pelo sofrimento que causam às mulheres, o que transforma um tema feminista em apologia do poder masculino. Alfonsina denigre o homem.” . Bobagem, caro crítico: na minha peça, quis apenas ir contra a mulher frívola, mostrando como ela se sempre se mostra, cheia de pequenos enganos e truques, de minuciosas artimanhas, dissimulação tolerada, muitas vezes imperceptível pelos homens, e se identificável, tornar um estímulo para seus sentidos. Contra isso, coloquei em cena uma mulher de caráter e de responsabilidade, qualidades que, independente do sexo, deveriam guiar qualquer pessoa. Pelo título todos esperavam ver o homem como dono do mundo. Mas o que viram foi a recusa de Márgara em concorrer com sua rival mais jovem e seus artifícios de pega-marido. Mas não há culpa na jovem, que precisa sobreviver e se vale do que tem: um andar macio, um sozinho eterno, uma boca que pede ajuda. (Fazendo ironicamente os papéis de Cláudio, Zarzillo e Márgara da peça. Segura um livro.):

CLAUDIO (*interrogando-a moralmente*)

Que ideia você tem do amor?

ZARCILLO

Do amor? Não sei. Não tenho a menor ideia.

CLÁUDIO

É, eu já sabia. Você pensa, fala com audácia, mas nunca de ti mesmo. Não é certo ler tanto.

ZARCILLO (*dócil*)

Não compreendo metade das coisas que leio.

CLÁUDIO

que cabecinha mais maravilhosa você tem! (*a mão sobre os cabelos dela. “Sai”.*)

ZARCILLO *(para Márgara)*

Enquanto pensava que Cláudio poderia se casar contigo, não me atrevi a te falar nada. Mas agora que sei que você não quer ser mulher dele, falo abertamente: peço que você me ajude. Seria grata pelo resto de minha vida.

MÁRGARA

você quer é esconder tudo dele não é?

ZARCILLO *(vivamente)*

Isso, isso! tudo de todos, menos de ti. *(cortando o excesso)* Você acha que não sou capaz de enganar um homem? E você não acha que os homens devem ser enganados? Todas as mulheres enganam, todas, pelo menos um pouco.

MÁRGARA

É aí que você se engana. Há muitas mulheres que não têm nada o que esconder de seus maridos.

CLÁUDIO

Você não passa de uma criatura ferida, que faz da ferida a sua força.

MÁRGARA

é aí que você se engana. eu sou muito mais que uma mulher. sou um ser humano. E frente a você, porque não preciso, sou uma mulher livre. E sabe de onde vem minha liberdade? De não me sentir intimamente ofendida por um ato de amor. Olho de igual a igual. Falo de igual a igual. Julgo de igual a igual.

CLÁUDIO

Ninguém vai te amar.

MÁRGARA

Melhor.

CLÁUDIO

Ódio, curiosidade, desejo de te destruir, de vencer e humilhar, isso sim. Mas, amor, ternura, ternura delicada de amante, não, nunca.

MÁRGARA

Melhor. Vou me dar ao luxo de ser o espectador desinteressado do que ocorre toda vez que se encontrem uma mulher hábil e um homem tolo.

Como são admiráveis esses belos animais! Mãos, bocas, torsos e pele! Para mim o que importa é sair, ver as coisas por mim mesma, e não com a limitação imposta a meu sexo, e sim como alguém em sua mente, se esquece disso, e pede aos outros que esqueçam também. é por não tirarem os olhos de mim, da mulher que sou, da mulher, da mulher em que me tornei, e não aquela que queria que eu fosse. Pois o problema não era o que as personagens faziam em palco (joga as críticas no chão). O problema era eu, a mesma mulher mãe solteira que escreveu tudo aquilo. Isso era inaceitável, eu poder falar, minha vida saindo dos quartinhos fechados das casas onde moram caladas criaturas. Pois a melhor maneira de se domar uma fera é atar-lhe as presas, é cravá-la de grades. Mas o mundo é mundo grande, maior que os jornais e as cordas e o medo. E eu continuei a escrever, a buscar leitores e leitoras. E como a heroína da peça, me fui para a Europa também. Claro.

Ah pedra dura, miserável pedra,
eu te golpeio, te golpeio em vão,
É inútil a força de minha mão,
Ah pedra dura, miserável pedra.

CENA TRÊS

TEMA: O FEMINISMO. PROJEÇÕES DE MULHERES QUE LUTAM PELOS DIREITOS DE IGUALDADES ENTRE OS SEXOS

Quem dera que meus versos sentiram fossem apenas aquilo que nunca existiu não passassem de algo vedado e reprimido, de família em família, de mulher em mulher. Dizem que nas boas casas de minha gente tudo que se devia fazer estava resolvido. Dizem que as mulheres da casa de meus pais eram silenciosas, como deveriam ser. Quem dera que fosse assim.. Algumas vezes viram em minha mãe desejos de se liberar, mas subiu depois aos seus olhos uma funda amargura, e na sombra ficou chorando. E tudo isso que dói, vencido e mutilado, tudo isso que se encontrava em sua alma fechado, acho que sem querer eu mesma acabei libertando.

Tenho um filho, fruto do amor,, de amor sem lei. Não pude ser como as outras, casto animal com jugo no pescoço. Livre minha cabeça se ergue. Quero com minhas mãos afastar erva daninha. Olhem como dão risadas e me apontam o dedo, porque digo que as ovelhinhas balem ao ver que a loba entrou no curral . Pobrezinha e mansas essas ovelhas do rebanho! Não temam a loba, ela não vai causar dano. A loba não vai roubar vocês do pastor, não fiquem inquietas. Essa loba não sabe roubar- seus dentes são é armas de matar. Ovelhinhas, me mostrem seus dentes. Como são pequenos! Vocês não podem

mesmo, pobrezinhas, caminhar sem seus donos. Eu sou como a loba. Ando sozinha e acho graça do rebanho. Quem quiser me seguir que venha comigo, estou de pé, frente a frente com o inimigo, a vida, e não tenho medo de seu arroubo fatal, pois tenho em minha mão ágil punhal. Eu sou como a loba, rompi com o rebanho e me fui pra montanha, cansada da terra plana.

Cara dia que passa mais senhora de mim mesma, sobre mim fecho minha morada interior. em meio aos outros a solidão me abisma. Já não tenho domínio sobre escravos, nem tolero senhor. Agora mesmo passam mulheres ao meu lado, olhos que transcendem a divina ilusão. O passo fácil de um corpo apressado: logo se vê que pouco ou nada pesa seu coração. Algumas têm olhos azuis e inocentes; vão sonhando embriagadas, passos ao azar; a claridade do céu se aposente em sua frente e como é delicada ouve as mulheres a sonhar. Pequenas criaturas, amanhã vão ter donos, elas vão pedir flores, e eles não vão compreender. Eu nasci sem brancura; era pequena, o pequeno cérebro se pôs a pensar. minha mãe dizia que como não entendia, aprendi muito cedo a ciência do chorar. O pranto foi a chama que secou minha brancura, nas raízes mesmas da árvore que não nasceu. Tenho sonhos mulheres, tenho um sonho profundo. Meu coração sussurra – que faça silêncio o mundo e minha alma murmure fatigada: fiquem quietas, quietas vocês.

Mulheres, a beleza é uma forma e o óvulo uma ideia. Que o óvulo triunfe!

CENA QUATRO

AUTORETRATOS

Mas se quisessem sabem que realmente sou, teriam que investigar meus autoretratos, feitos de letras, sons e silêncios. Nunca concordei com as fotografias, com esses instantâneos fracassos de me representar. Não me reconheço, não me satisfaço. (pega uma foto, como se fosse um espelho, e passa a se maquiar como uma boneca chinesa.) Quem és? “Subterrânea mulher de meus retratos, de rosto escuro e lisa cabeleira, perdida tenho em ti minha primavera, que mesmo segunda, refloresce aos nacos. Eu te dei tua vida, e me odeias desalmada, não te pedi que me fizesses uma fada: apenas uma mulher comum que fala. “ Uns dizem que fui feia, outros, deslumbrante, que eu era uma menina que não cresceu, ou uma mulher velha demais. Para cada um, um rosto diferente. “Minha alma tem todos os matizes, de feroz rebeldia passa à doçura, da doçura à humildade. “Posso ser “Uma máscara grega, carcomida nas catacumbas romanas, vinho – O Crânio um velho mármore cacarejante.”

Sou mais que a máscara, que o rosto mudo que te fita. Eu vejo e faço ver. aquilo que sinto, aquilo que faço, aquilo que tenho em minhas mãos vazias é o que sou. Não há como dizer nada além da palavra que acolhe o espanto. Me

deixem olhar vocês com minha verdadeira face. Afinal, o que iria dizer essa gente, reduzida e vazia, se em um dia fortuito, por hiperfantasia, eu tingisse o cabelo de prata e violeta, usasse mantos gregos, trocando a tiara por um arquinho de flores, miosótis ou jasmims, saindo a cantar pelas ruas ao som de violinos, ou a declamar meus versos pelas praças, livre minha boca de mordanças vulgares? Será que iriam olhar fechando as ruas? que queimariam como queimaram as bruxas? Tocariam buzinas para chamar a polícia? Na verdade, só em pensar nisso já começo a rir."

Tenho um estranho desejo: ser de ouro, de uma peça trabalhada a cinzel, com olhos de turquesa e rubis na boca, dentes burilados em cristal de rocha, e na frente esmeraldas imitando laurel. Tudo com um aspecto fantástico e cruel. algo de uma estátua com aspecto de louca, uma mulher de ouro cuja nudez evoca o Diabo contemplando telas de Rafael. Sem coração e alma, fria como o mistério. Uma morta que nunca vai chegar ao cemitério. Uma morta esperando a eternidade. Ela, olhos de pedra, cegos e brilhantes, faróis estranhos, imóveis e alucinantes, símbolos indecifráveis da felicidade.

CENA CINCO

SOLIDÃO

Durante esses anos tive apenas a mim mesma e nem isso. Por isso converso com ela, minha querida companheira: "Senhora solidão, que teu esqueleto de cinzentas vértebras um dia imaginei, me acolha com toda força entre teus arcos, pois não quero ficar mais longe de ti não mais. Pois ao ficar perto vi que se abria em flor teu esqueleto aparente calcinado, e em tuas vértebras, fértil lodo; e tua bacia era de um azul de chama. Feliz estou: teu céu não neva em mim; deixa cair em claros redemoinhos umas tranças de rosas cristal. E mais uma vez com vozes altissonantes, escondidos entre as tuas finas névoas, ouço cantar meus pássaros de fogo. É ali que eu me encontro, minha amiga,. Vivo dentro de quatro paredes matemáticas alinhadas a metro. Me rodeiam apáticas vestes que desconhecem êxtases como os dessa febre azulada que nutre minha quimera. Sou minha própria farsa e estorvo. Dizendo o que quero e posso, vivo me expressando, me tornando naquilo que escrevo. Assim, sou uma alma desnuda nesses versos, alma desnuda que angustiada e sozinha, se desfolha, ramos dispersos. Alma que vai morrer de uma fragrância, de um suspiro, de um verso que se roga, sem perder, mesmo se quisesse, sua elegância. Alma que nada sabe e tudo nega, e negando o bom, o bem propicia, porque é negando que mais se entrega, alma que sempre sem concordar consigo, vaga com os ventos, corre e gira, alma que sangra e sem cessar delira, por ser um buque de estrelas em brilho.

Oh morte, eu te amo, mas vida, eu te adoro. Quando eu me for adormecida para sempre que por uma última vez penetre meus olhos o sol da primavera. Deixe-me algum momento sob o calor do céu, deixa que o sol fecundo estremeça no meu gelo. Tão bom era o astro que saía na aurora e me dizendo bom dia. Não me assusta o descanso, o repouso faz bem. mas antes, que me beije o viajante piedoso, que em todas as manhãs, alegre como um menino, chega à minha janela.

Eu vou dançar no chão das matas duras. O vinho pronto, no cristal sonoro, vamos beber o licor de outro, celebrar a noite sem amarguras. Eu vou dançar como a terra pura, como a terra eu serei um tesouro, e ao dar-me pura honro a mim e todos, que se dar é uma das formas da Altura. Eu vou dançar para esquecer, e vou te embriagar, segundo teu pedido, até que Vênus passeie pelos céus. Mas uma coisa vai de ti vai continuar escondida, pois eu, pagã em um século sem carisma, não vou deixar cair todos os véus.

CENA SEIS

AMOR / EROTISMO

Fora da lei, meu coração fala em sua desrazão. Morde aqui, sucumbe lá, morrendo aqui e acolá. Onde quero deixar meu coração ele não vai ficar. Bravo leão, meu coração tem apetites, não razão.

Como falar desse desejo de alma? um desejo divino me devora, pretendo falar, mas logo se rompe e chora isso que trago dentro e não se acalma. Vou falar, mas se rompe e chora, o que morre ao nascer dentro da alma. O que dizer do mal que me devora, e não se acalma?

Quero um amor feroz de garra e dente
que me assalte à traição em pleno dia
e que sufoque essa soberba minha
esse orgulho de ser toda indiferente.

Quero um amor feroz de garra e dente
que em carne viva inicie minha sangria
para que acabe de vez como essa melancolia
que me corrompe a alma lentamente.

Quero um amor que seja uma tormenta
que tudo rompa e renove tudo
porque vigor profundo o alimenta.

Que possa se animar nele meu logo escuro
meu pobre lodo de animal cansado
de por velhos caminhos já ter trilhado.

Ando a te buscar, amor que nunca chegando a te buscar, amor que se amesquina, quero e muito saber se advinha me retorço em saber se a mim se entrega. As tempestades minhas, errantes, se acalmaram sobre um feixe de espinhos sangram minhas carnes gotas púrpuras, porque não me salvar, meu garoto. Vê que estou de pé sobre as tábuas — algumas vezes basta um pouco de sonho para acender a chama que me perde. Me salva, amor, e com tuas mãos puras troca esse fogo por límpidas doçuras e faz dessas tábuas minhas ramos verdes.

Me dê teu corpo belo, jovem de sangue puro, não moderno na arte de amar, como na hora que foi clara a entrega, em minha boca demora tua boca, de outra boca negada a doçura. Se a tua sabedoria não me obriga a malícia, nem tua mente cristã me desperta rubores, nem marcas de prostitutas turvam teus amores, nem minha franqueza branca tudo será delícia. E assim como a Eva, quando, quente e fera, as verdades supremas a ela foram reveladas, vai ficar em minhas mãos, como forma tua dada, a embriagante doçura da fruta primeira.

Se quer me beija, beija, eu compartilho teus desejos.

Se eu pudesse, sob negros cegos te comeria o coração com dentes de leoa. Arde em teus olhos sangue que é meu e em teus lábios o deus Pan esmaga doces uvas convidativas. E assim, flor sem ar, flor em gruta, me exprimo toda em ti como uma fruta, e entre tuas mãos me abandona a vida.

E esse olhos que alongam em me examinar? E essa tua língua, me chamando se alonga? e teus braços longos atijando minhas chamas? E essa tua sombra longa atrás de minha sombra? Por que rondar minha casa? No beijo de ontem fim minha viagem. Conheço tua alma. E pra que mais? A viagem terminou. Longe tuas mãos das minhas. Odeio teu olhar que se alonga, odeio tuas mãos longas. Odeio!. Meu desejo acolhe: me dê a tua morte, teu último olhar, teu abandono final, me dê tua covardia, para que eu te possua inteiro, me dê isso quando tudo acabar. Tua boca bem amada que nunca beijei vou beijar quando a noite vier sobre a vida interrompida.

Homem, quero me não me entenda, que me dê doçura. Eu ando meus próprios caminhos. Homem, filho de mulher, entende minha loucura.

Cai de joelhos, alam miserável, cega. Cai de joelhos e aprende: aprende a gozar.

Pois agora quero amar um homem distante... um homem divino, que seja suave como um pássaro, que teve em seus braços infinitas mulheres, e que saiba ele de outras terras, e que a palavra floresça em seus lábios perfumada: coisa de mata jovem sob o vento. E eu quero amá-lo agora, nesta tarde calma e tranquilo como musgo espesso. Minha boca estremece e meus dedos delicados — minhas tranças se desfazem pouco a pouco.

Eu sou a mulher que vive alerta, e você o tremendo homem que se desperta, torrente que se alarga em rio, e que ondula enquanto corre e salta. Ah, resisto, você me possui toda, e nunca vai ser meu, nunca.

Sou tua, Deus sabe por quê, e já compreendo — vai me largar amanhã — e que sob o encanto de meus olhos, outro desejo te chama, e eu não te prendo. Espero que um dia isso acabe enfim. Pois vejo nesse instante o que você quer. Com voz indiferente de fala de outra mulher, e outra, tua — até ensaio o elogio dela pra ti. Você sabe bem menos que eu, e orgulhoso de algo que te pertenceria persiste nesse jogo enganoso, se achando protagonista do drama que componho. E eu te olho com meu sorriso vivo, e quando você se entusiasma penso: calma querido:

não é você quem me engana, quem me engana é meu próprio sonho.

Vai pelos dedos a carícia sem causa. No vento, a roda, a carícia que vaga sem destino ou objeto, a carícia perdida, quem a vai recolher? Poderia amar esta noite com piedade infinita, amar o primeiro que chegasse. Ninguém veio. Os caminhos das flores estão vazios. A carícia perdida continua a vagar.

MATERIAIS PARA A CENA FINAL

FINAL MORTE

Todos nós temos uma hora covarde
uma fraqueza certa quando morre a tarde
quando se juntam as impressões tristes
e a alma é um tecido de asas frágeis.

Um dia estarei morta, branca como a neve,
suave como os sonhos em uma tarde que chove.

vou dormir

Dentes de flores, touca de orvalho,
mãos de ervas, você, minha camareira,
coloque sobre mim lençóis de terra
e a colcha de musgos espinhentos.

Vou dormir, minha camareira, me deite,
Coloque um abajur na cabeceira,
uma constelação, o que te agradar,
todos são bons agora. Um pouco menos de luz.

Me deixe sozinha: ouve que os brotos se abrem,
te acena um pé celeste, lá de cima,
e um pássaro te traz música

6 Canção do álbum **DallAmeriCaruso**,
de 1986.

para o esquecimento. Obrigado. Ah, um pedido:
se ele me ligar novamente
diz pra não insistir, que eu fui embora.

- 1) Rol de Entrada — declama uma poesia. Provocação: O QUE É POESIA?
- 2) Entra na sala conduzindo o público. Voz de Alfonsina em off (declamando).
Barulho de chuva/relâmpagos/trovões/bichos. Alfonsina escreve. Surgem outros personagens (pai/mãe/fantasmas...).
- 3) Momento com Leopoldo Lugones (crítico – maior inimigo de Alfonsina).
- 4) Jornalista, amante de Alfonsina. Gravidez.
- 5) Alfonsina atriz – trecho do espetáculo **Espectros** de Ibsen.
- 6) Chegada de Alfonsina em Buenos Aires (poema **Buenos Aires**).
- 7) Descobre o câncer. Tratamento. Abatimento. Cansaço.
- 8) Alfonsina com o filho Alejandro.
- 9) Cena do beijo com o Quiroga.
- 10) Escreve o poema **Vou dormir**.
- 11) Móveis enterrados na areia/janela suspensa, pendurada.
- 12) Luz/gaveta/pai.
- 13) Cena com o colar de pérolas/dançando.
- 14) Cena com a foto de Alejandro.
- 15) Poema **Diante do mar**.
- 16) Abajur no quarto.
- 17) Poema **Meu século**.
- 18) Movimento anarquista/socialista/feminista.
- 19) Alfonsina falando com Deus (poema **O rogo**)

2 TEXTOS TRADUZIDOS E ENVIADOS POR EMAIL

a) email 23/05/2011

Em resposta a *email* do produtor do espetáculo, que havia me enviado músicas que se relacionavam com o espetáculo, traduzi as seguintes letras de canções por ele solicitadas:

Caruso, de Lucio Dalla⁶

Aqui onde o mar reluz e forte sopra o vento
sobre um velho terraço mirando o golfo de Sorrento
um homem abraça uma mulher, afogado pelo pranto

depois limpa sua voz e começa o canto

Te quero muito
tanto, tanto, viu?
que em uma cadeia
o sangue se dissolve nas veias.

Viu luzes dentro do mar e pensou na noites na América
mas era apenas um reflexo das lâmpadas, a branca faixa de um barco sobre
as ondas.

Sentiu a dor da música ao se levantar do piano
mas quando viu a lua saindo detrás de uma nuvem
não pode imaginar morte mais doce.

Olhou nos olhos dela, olhos tão verdes quanto o mar,
e de improviso veio a lágrima e quase não pode respirar.

Te quero muito
tanto, tanto, viu?
que em uma cadeia
o sangue se dissolve nas veias.

A força do teatro onde um cada drama é falso
com um bom disfarce e mímica te transforma em outra coisa.
Mas dois olhos que de perto te observam e tão reais
te fazem recordar palavras, confundir o teu falar.

Assim, tudo se torna pequeno nas noites na América
Olhe para trás e vê tua vida, como o rastro de um barco sobre as ondas.
Mas se é a vida que termina, ele não quer nem saber.
já está feliz de novo e volta a cantar.

Te quero muito
tanto, tanto, viu?
que em uma cadeia
o sangue se dissolve nas veias.

HOMERO EM FLOR
RAÚL GARELLO E HORACIO FERRER

Querido Amado Expósito, estou tão triste, vai
tua sombra de Buenos Aires até o rio Paraná
a lua beija o vazio de tua vida, e você não mais
sente que chora, criança muda, a canção que não se faz.

Não se demore, Homerozinho, vai, vai, voa, vai,
me conte ao ouvido as metáforas de Deus,
que o corpo não perdoa, e a alma é imortal
tua alma sem fim de poeta e homem.

Meu irmão Homero, Homero em flor,
te desenterrar desse adeus
minhas pobres mãos querem.
Mas a tua ausência me ensinou
que a longa viagem para o além
cor de céu amargo tem.
Tchau, fica, por que não ir?
Não foi a doença nem o álcool
que te tiraram de nós:
Homero Expósito, entendi:
meu querido, você morreu no verso,
como um poema, Homero em Flor.

Escrevo à tua maneira, com a tinta do azul,
que enquanto viver dou minha voz para escrever
Me Semeie de ti, Homero, com teus pássaros sem luz,
e vão reviver cantando em meus lábios.
Se ontem você floresceu a sofrer, amar e partir,
e andar sem saber o que pensar, como quiser,
tua risada está em mim, como uma panela de arroz,
amor de tua mulher, vivo e sem fim.
Homero, meu irmão, Homero em flor,
te desenterrar desse adeus
minhas pobres mãos querem.
Mas a tua ausência me ensinou
que a longa viagem para o além
cor de céu amargo tem.
Tchau, fica, por que não ir?
Não foi a doença nem o álcool

que te tiraram de nós:
Homero Expósito, entendi:
meu querido, você morreu no verso,
como um poema, Homero em Flor.

b) Email 05/06/2011.

Buenos Aires

O encontrei em uma esquina da rua Florida. Estava mais pálido que nunca, distraído como antes, por dois longos anos havia possuído minha vida... Olhei para ele sem surpresa, me entretendo com minhas luvas. Veio a pergunta minha, estúpida, ligeira, e com uma censura tranquila encheu seus olhos transparentes, em resposta ao que disse de um modo leviano: “Por que teus dentes estão tão amarelos?” Foi embora. Apressado vi que atravessou para a outra rua e que esbarrou com sua roupa escura o branco vestido de alguma vagabunda que andava pela calçada. Fui atrás dele, do chapéu que fugia, e que logo depois, distante, tornou-se uma mancha de ferrugem, que logo foi engolida novamente pela multidão espessa da cidade.

Pelo parque urbano passeio, caminhos avermelhados, gramas aparadas, fontes artificiais. As estátuas têm rostos tristes, mas a seus pés as flores saltam dos canteiros.

Na secura do ar flutua mel diluído, das árvores vêm os sumos da primavera, o sangue de seus troncos acelera seu vigor.

No lago esverdeado, senhoriais navegam os cisnes. finas colunas brancas que se refletem e brincam no encontro nas águas que as retorce e ondula. Como acontece há século, o calor do meio dia assopra seu hálito áspero. Algo de outras idades, de uma estranha grandeza vai surpreender os cisnes brancos do século XX. Meu coração se enche de uma angústia sem nome.

Árvores nuas correm pelo retângulo da praça. Em seus epiléticos esqueletos de sombrinhas cavoucadas se mostram, bandos compactos, focos luminosos amarelos. Bancos inóspitos, úmidos expulsam de suas bordas emigrantes sonolentos. Ouvindo as brigas dos transeuntes, o grande herói, congela em pé no bronze de sua estátua.

Casas enfileiradas, filas de casas, filas. Quadrados, quadrados, quadrados. Casas enfileiradas. As pessoas com a alma quadrada, ideias em fila, ângulo nas costas. Eu mesma, meu Deus, derramei ontem uma lágrima... quadrada.

Uma cidade feita de ossos cinza se lança aos meus pés. Como tachos negros, as ruas separam o ossário, giram em torno dele, o organizam e levam-

tam. Na cidade de milhões de habitantes não tenho ninguém, nem um amor. O céu ainda mais cinza que a cidade desaba sobre mim, se apodera de minha vida, trava minhas artérias, apaga minha voz. Como um furacão do qual não posso fugir, o mundo gira ao redor de um ponto morto: meu coração.

Tristes ruas retas, cinzas e iguais, por onde surge às vezes um pedaço de céu. Suas fachadas escuras e o asfalto do chão apagarão os frágeis devaneios de primavera. Quantas vezes andei por elas, distraída, embriagada da névoa cinzenta que as decora lentamente. É dessa monotonia que minha alma sente falta: — Alfonsina ! Não me chame. Não repondo mais a ninguém. Se em pelo menos uma de tuas casas, Buenos Aires, morro, vendo teu céu de prisioneiro, em algum dia de outono, não será estranho a lápide pesada. Pois vagando entre tuas ruas retas, untadas pelas águas apagadas, brumosas, desoladoras e sombrias de teu rio, eu já estava é enterrada.

No fundo do mar existe uma casa de cristal, junto de uma avenida de madreperolas.

Um grande peixe de ouro vem me saudar. Traz um ramo vermelho de flores de coral.

Durmo em uma cama pouco mais azul que o mar.

Um polvo me cochicha através do cristal. No bosque verde que me circunda se balançam e cantam as sereias de pérola verde-marinho. E sobre minha cabeça ardem no pôr-do-sol as pontas das ondas do mar.

c) email de 06/06/2011

Você precisa compreender que uma pessoa como eu, que entrou em contato com a vida de um modo tão direto, de um modo viril assim por dizer, não poderia viver, pensar ou agir como uma menina escondida entre as quatro paredes de sua casa. Minha literatura então teve que refletir isso, que é a minha verdade mais íntima: tive que viver como se fosse um homem. Eu reclamo para mim uma moral de homem. e não faço mais que antecipar a mulher virá. Nossa sociedade, entanto, repousa ainda na família. a família com base na autoridade masculina, provê o sustento. Para se a mulher provê o sustento e não mais depende de homem algum, e pode penetrar e superar com inteligência a rede legal que em seu sistema a aprisiona, ela vai adquirir, automaticamente, direitos de homem, os quais ao meu ver são mais atraentes, por serem maiores e de mais alta moral que os de mulher.

Sofro achaques de desconfiança contra mim. Esses achaques me fazem mal. vou dormir, sonho. Logo a febre me possui e esqueço tudo. nestes momentos produzo, publico. E o conjunto desses fatos se prologa sem variações sobre a mesma espiral. é que as mulheres nos custam muito! Nos custa tanto

a vida! Essa nossa sensibilidade exagerada, o mundo complicado que nos envolve, a desconfiança sistematizada em volta, aquela terrível e permanente presença do sexo que tudo que a mulher faz para o público, tudo contribui para nossa paralisia. Se procuramos nos manter de pé é graças a uma séria de astúcias por meio das quais rompemos com as redes maldosas que buscam nos envolver. Assim, pois em roupas limpas nos mantemos na luta. “É uma cínica,” alguém diz. “É uma histérica!”, diz outro. Alguma voz solitária profere assim silenciosamente: “É uma heroína”. Ao fim, tudo isso é o nosso século, chamado século da mulher. Mal se veem os espíritos femininos deixarem cair o sol em suas almas, e logo devolvem ao universo unguento de seu perfume íntimo, de sua mais profunda verdade. Ação generosa quem a estima? Será por acaso porque uma alma desnuda é um espetáculo digno apenas dos deuses?

d) email de 17/06/2011

1

As coisas que morrem jamais ressuscitam,
as coisas que morrem não voltam jamais.
Os vasos se quebram, o vidro que cai
é pó, para sempre, e para sempre será.

Quando as flores caem dos ramos
duas vezes seguidas florescer não vão.
As flores cortadas pela maldade do vento
se esgotam para sempre, para sempre jamais.

Os dias que se foram, os dias perdidos,
os dias inertes não vão mais voltar.
Tristes são as horas arrasadas
sob a bofetada da solidão.

Tristes as sombras, as sombras nefastas
as sombras criadas por nossa maldade.
Ah, coisas mortas, coisas murchas,
coisas celestes que breve nos deixam.
Coração, silêncio! Te enche te chagas!
Infecta, de chagas – Coberta de males.
Que morra quem venha a te tocar!
Coração maldito, que me interroga sem cessar.
Adeus para sempre meus doces prazeres todos!

Adeus alegria cheia de bondade!
Ah, coisas mortas, coisas murchas,
as coisas celestes não voltam mais!

2

Bem pode ser que tudo o que em meu verso senti
Não seja mais que aquilo que nunca pôde ser,
Não seja mais do que algo vedado e reprimido
De família em família, de mulher em mulher.

Dizem que nos solares dos meus, sempre medido
Estava tudo aquilo que se tinha a fazer...
Silenciosas dizem que as mulheres teriam sido
Em meu materno lar. Ah, sim, bem pode ser...

Às vezes minha mãe sentiu o anseio
De se libertar, e logo viu subir ao seio
Uma funda amargura, e na sombra chorou.

E tudo de mordaz, vencido, mutilado,
Tudo o que se encontrava em sua alma guardado,
Creio que sem querer fui eu quem libertou.

3

Hoje me observa a lua branca e desmesurada
é a mesma de ontem a noite, a mesma desta manhã.
Mas é outra, que nunca foi tão grande e pálida.
Estremeço como as luzes estremece sobre as águas.
Estremeço como olhos costumam estremece entre lágrimas.
estremeço como nas carne sabe estremece a alma.
Ah, a lua moveu seus lábios de prata.
Ah, a lua me disse as três palavras antigas:
“Morte, amor mistério” Ah, minhas carnes se acabam!
Sobre as carnes mortas, minha alma se encurva.
Alma, gato noturno, salta sobre a lua.
Vai triste e encolhida pelos vasto céu.
Vai pelo vasto céu sobre a lua branca

4

Senhor, essa é minha queixa, o senhor vai me compreender: Morro de amor,
mas não consigo amar.

Persigo a perfeição, em mim e nos demais,
persigo a perfeição para poder amar.

Me consumo em meu fogo, Senhor, piedade, piedade!
Morro de amor, mas não consigo amar!

e) Email de 28/06/2011.

Textos para três atrizes.

Com o prosseguir do processo criativo centrado em uma estrutura de monólogo, foi integrada a performance de três atrizes antes do começo da peça, no Hall de entrada do teatro. Os textos selecionados e escolhidos para elas são os que se seguem.

1

Meu século, concentra tua alma em uma criatura,
Eu a vejo — feixe de nervos, quase sem desnuda.
E na mão, cheia de anéis elegantes
carrega um frasco imundo de unguentos amarelos.

Vem em minha direção, me toma a mão desencarnada,
pois minha gargalhada aguda, ocre e desesperada
se entende com suas frases indecentes.

Eu a convido: de braços dados vamos pelas ruas
moças já espertas, delicadas e bem vestidas
não mais virgens, e homens cansados vamos encontrar.

Seguimos a onda que o tango desajunta
por entre os arranha-céus a lua astuta desponta
Eia- ao som ruidoso de uma Jazz-band dancemos.

2

Mar... eis-me aqui,
nua de vida.
me ajude, mar,
me vista.

A criança ficou no barco,
olhando o sol mergulhar no oceano.
Navio bruxo.

3

Dormi portenha,
Acordei cidadã marinha;
Sereia canora,
Bruxa do mar.

Voltei, cidade argentina,
voltei, mar de prata.
vou para acertar as contas com meus fantasmas.

4

Buenos Aires é um homem pernas grandes, grandes pés e as mãos, e cabeça pequena. (Gigante que está sentado tendo um rio à sua direita, os pés monstruosos em movimento e o olhar preguiçoso). Em seus olhos mosaicos coloridos, nos quais se refletem as cúpulas e as luzes de cidades europeias. Sob seus pés ainda estão quentes os passos dos velhos índios guaranis, com suas boleadeiras e flechas. Por isso quando os nervos se turvam em tormenta sente que os índios mortos sobem sob suas pernas.

Esse sopro que sobe sob seus pés, a partir da terra choca-se com o mosaico europeu que leva em seus grandes olhos. Então suas duras mãos ficam contraídas, se enfraquecem, tremem. estendidas entre os pés e a cabeça. essa luta surda dentro de si acaba com suas forças. Por isso seus olhos são de preguiça. É que atrás deles, obscuros, a inteligência resmungua. E já se avoluma o crânio, em Guerra contra tudo fora de si. Como uma mulher grávida, não confie na indolência desse homem sentado. com o Rio da Prata à sua direita. Olhem que tem entre os lábios um sorriso malicioso e abarca com seus olhos toda a costa da América. Presta atenção: ouve como suas artérias pulsam. Ah, quem dera que sua cabeça um dia tivesse o tamanho de seus pés.

5

O encontrei em uma esquina da rua Florida. Estava mais pálido que nunca, distraído como antes, por dois longos anos havia possuído minha vida... Olhei para ele sem surpresa, me entretendo com minhas luvas. Veio a pergunta minha, estúpida, ligeira, e com uma censura tranquila encheu seus olhos transparentes, em resposta ao que disse de um modo leviano: “Por que teus dentes

estão tão amarelos?” Foi embora. Apressado vi que atravessou para a outra rua e que esbarrou com sua roupa escura o branco vestido de alguma vagabunda que andava pela calçada. Fui atrás dele, do chapéu que fugia, e que logo depois, distante, tornou-se uma mancha de ferrugem, que logo foi engolida novamente pela multidão espessa da cidade.

6

Casas enfileiradas, filas de casas, filas. Quadrados, quadrados, quadrados. Casas enfileiradas. As pessoas com a alma quadrada, ideias em fila, ângulo nas costas. Eu mesma, meu Deus, derramei ontem uma lágrima... quadrada.

7

Tristes ruas retas, cinzas e iguais, por onde surge às vezes um pedaço de céu. Suas fachadas escuras e o asfalto do chão apagarão os frágeis devaneios de primavera. Quantas vezes andei por elas, distraída, embriagada da névoa cinzenta que as decora lentamente. É dessa monotonia que minha alma sente falta: - Alfonsina ! Não me chame. Não repondo mais a ninguém. Se em pelo menos uma de tuas casas, Buenos Aires, morro, vendo teu céu de prisioneiro, em algum dia de outono, não será estranho a lápide pesada. Pois vagando entre tuas ruas retas, untadas pelas águas apagadas, brumosas, desoladoras e sombrias de teu rio, eu já estava é enterrada.

8

Uma cidade feita de ossos cinza se lança aos meus pés. Como tachos negros, as ruas separam o ossário, giram em torno dele, o organizam e levantam. Na cidade de milhões de habitantes não tenho ninguém, nem um amor. O céu ainda mais cinza que a cidade desaba sobre mim, se apodera de minha vida, trava minhas artérias, apaga minha voz. Como um furacão do qual não posso fugir, o mundo gira ao redor de um ponto morto: meu coração.

9

No fundo do mar existe uma casa de cristal, junto de uma avenida de madreperolas.

Um grande peixe de ouro vem me saudar. Traz um ramo vermelho de flores de coral.

Durmo em uma cama pouco mais azul que o mar.

Um polvo me cochicha através do cristal. No bosque verde que me circunda se balançam e cantam as sereias de pérola verde-marinho. E sobre minha cabeça ardem no pôr-do-sol as pontas das ondas do mar.

Buenos Aires é um homem pernas grandes, grandes pés e as mãos, e cabeça pequena. (Gigante que está sentado tendo um rio à sua direita, os pés monstruosos em movimento e o olhar preguiçoso). Em seus olhos mosaicos coloridos, nos quais se refletem as cúpulas e as luzes de cidades europeias. Sob seus pés ainda estão quentes os passos dos velhos índios guaranis, com suas boleadeiras e flechas. Por isso quando os nervos se turvam em tormenta sente que os índios mortos sobem sob suas pernas.

Esse sopro que sobe sob seus pés, a partir da terra choca-se com o mosaico europeu que leva em seus grandes olhos. Então suas duras mãos ficam contraídas, se enfraquecem, tremem. estendidas entre os pés e a cabeça. essa luta surda dentro de si acaba com suas forças. Por isso seus olhos são de preguiça. É que atrás deles, obscuros, a inteligência resmunga. E já se avoluma o crânio, em Guerra contra tudo fora de si. Como uma mulher grávida, não confie na indolência desse homem sentado. com o Rio da Prata à sua direita. Olhem que tem entre os lábios um sorriso malicioso e abarca com seus olhos toda a costa da América. Presta atenção: ouve como suas artérias pulsam. Ah, quem dera que sua cabeça um dia tivesse o tamanho de seus pés.

SÉCULO XX

Estou me consumindo em vida, me acabando sem fazer nada, entre as quatro paredes simétricas de minha casa. Vamos, trabalhadores!, Tragam as pás! que meu sangue se agite! que o sol me queime as costas! mulher sou do século XX; passei o dia deitada observado, a partir do meu corpo, um ramo de árvore a se mover. Se a Europa está em chamas, observo suas chamas com a mesma indiferença que observo esse ramo de árvore. E você que vem passando, não me olhe de cima para baixo. Minha alma grita teu crime. E a tua se esconde sob tuas palavras.

3 ROTEIRO CONSOLIDADO. EMAIL EM 17/06/2011

Texto elaborado dentro do processo criativo de Vestida de Mar entre o diretor e atrizes, com as inserções dos textos que traduzi.

VESTIDA DE MAR

Monólogo

1 CENA NO HALL DE ENTRADA

2 (após a entrada do público, Alfonsina chega com a mala, observa da porta, entra, deixa a mala no chão, fecha a porta, arruma o espaço e fala sussurrando)

Mas se quisessem saber quem realmente sou, teriam que investigar meus auto-retratos, feitos de letras, sons e silêncios. Nunca concordei com as fotografias, com esses instantâneos fracassos de me representar. Não me reconheço, não me satisfaço.

Alfonsina Carolina Martignoni Storni, nascida em 29 de maio de 1892. Filha de Alfonso Storni e de Pasqualina Martignoni. *(corte na música. Fala fica normal)* POR FAVOR! Por favor, pegue a minha bagagem! Aí, por favor!

Eu nasci ao lado da pedra junto da montanha, numa madrugada de primavera, quando a Terra, após seu longo sono, se coroa novamente de flores. *(abre a mala)*. As primeiras roupas que me puseram ao nascer, minha mãe que fez cantando baladas antigas, enquanto o pão caseiro expandia seu perfume familiar por toda a casa antiga. Meus irmãos brincavam alegremente lá fora. Chamaram-me “Alfonsina”, como a meu pai. Um nome que quer dizer “disposta a tudo”.

(diálogo imaginário)

Mãe!? Tenho o pressentimento que hei de viver muito pouco.

Esta minha cabeça se parece com um vaso de fundição. Purifica e consome. Mas, sem uma queixa, sem um traço de horror.

Para terminar, quero que uma tarde sem nuvens, debaixo de um sol límpido, nascida de um grande jasmim, uma serpente branca, que doce, doce, me pique o coração.

Você me disse: “o meu pai não chorou”;

Você me disse: “o meu avô não chorou”.

Os homens da minha raça não choravam. Eram de aço.

Silenciosas eram as mulheres, de família em família, de mulher em mulher.

Às vezes, você deve ter sentido o anseio de libertar-se, e logo viu subir-lhe do seio uma profunda amargura, e na sombra, você chorou.

CENA: ONDE ESTÁ QUIROGA?

— E na sombra, mãe, você chorou! E na sombra você chorou. *(pega a flor. Vai escrever como um poema)*

É isso. É isso. É isso, Quiroga. *(música)* Quiroga, meu amigo, cadê você? Eu preciso falar com você. Você viu o Quiroga? O meu amigo poeta. O escritor uruguaio Horácio Quiroga, o poeta. Meu poeta inspirador. Lembro-me bem do sarau, quando nos conhecemos. Ele sempre tão charmoso, tão sensual, tão sedutor. E a brincadeira do relógio? Ele colocou o relógio assim pendurado balançando e nós tínhamos de parar o relógio ao mesmo tempo com a boca. De repente, ele tirou o relógio da frente e nos beijamos. Não, Quiroga. Pára. Não, não Quiroga. *(anda em círculos — roda em torno de si, cai, procura a*

foto, encontra-a, cai para trás) Oh, meu amigo. Você se foi muito cedo, meu amigo! E de uma maneira tão anti-poética. Cianureto, Quiroga? Que idéia? Logo você, meu poeta? Mas é bem o seu estilo mesmo, é bem típico de alguém que escreve contos como “A Galinha Degolada”. (*gargalhada*). Um texto tão trágico. E você tão enigmático e irritadiço. Mas um gênio. Um provocador. (*para alguém na platéia*) Como nós precisamos ser provocados para sairmos da mesmice, da bestialidade humana. Para rompermos com os paradigmas e preconceitos, não é? É! Por isso, um viva! VIVA OS PROVOCADORES. SÃO OS QUESTIONAMENTOS E A CURIOSIDADE QUE MOVEM O MUNDO.

CENA: DISCURSO

Quem quiser me seguir que venha comigo, estou de pé, frente a frente com o inimigo, a vida, e não tenho medo de seu arroubo fatal, pois tenho em minha mão ágil punhal. Eu sou como a loba, rompi com o rebanho e me fui pra montanha, cansada da terra plana.

Cada dia que passa mais senhora de mim mesma fico, sobre mim fecho minha morada interior. Em meio aos outros a solidão me abisma. Já não tenho domínio sobre escravos, nem tolero senhor. Agora mesmo passam mulheres ao meu lado, olhos que transcendem a divina ilusão. O passo fácil de um corpo apressado: logo se vê que pouco ou nada pesa seu coração. Algumas têm olhos azuis e inocentes; vão sonhando embriagadas, passos ao azar; a claridade do céu se aposente em sua frente e como é delicada ouve as mulheres a sonhar. Pequenas criaturas, amanhã vão ter donos, elas vão pedir flores, e eles não vão compreender.

Eu nasci sem brancura; era pequena, o pequeno cérebro se pôs a pensar. Minha mãe dizia que como não entendia, aprendi muito cedo a ciência do chorar. O pranto foi a chama que secou minha brancura, nas raízes mesmas da árvore que não nasceu. Tenho sonhos, mulheres, tenho um sonho profundo. Meu coração sussurra — que faça silêncio o mundo e que minha alma murmure fatigada: fiquem quietas, quietas vocês.

Mulheres, a beleza é uma forma e o óvulo uma ideia. Que o óvulo triunfe!

Por isso a poesia. Por isso o meu amor pelas coisas. Eu amei muito, meu amigo. Amei até chorar, até morrer, amei até odiar. Até a loucura, amei. Mas todo o amor foi parco, porque todo amor eu conheci à míngua. Mas hoje espero um amor natural, capaz de me renovar e redimir. Um amor que frutifique meu deserto, que me faça brotar ramos sensitivas. Eu sou uma selva de raízes vivas. Apenas tenho o aspecto de folhas mortas. Gelo e mais gelo recolhi na vida, hoje preciso de um sol que me dissolva. Entende agora? Por isso, mais do que nunca, a poesia.

(tosse) O envelope. O envelope. Onde o coloquei? Ah, aí está.
Não agora não. Poderia guardá-lo para mim, por favor.

CENA: COM O AMANTE (*Pai do Alejandro*)

(Alfonsina devolve o envelope, amassa o papel da poesia, pede para alguém da plateia escrever uma carta.)

Escreve pra mim, por favor. Mar Del Plata, 25 de outubro de 1938. Alejandro, meu filho. Quando conheci seu pai eu tinha apenas 17 anos de idade. Ele, um homem mais experiente, um jornalista bem sucedido, inteligente, envolvente, numa noite de sarau me tirou pra dançar. (*dança imaginária com o amante. Música*) — Essa noite duas palavras você sussurrou — duas palavras tão doces, que a lua que andava sorradeira pelos ramos se deteve em minha boca. Duas palavras tão doces que uma formiga passeia em meu pescoço e não penso em me mover e afastá-la. Tão doces e tão belas palavras que nervosos meus dedos se movem imitando tesouras, meus dedos como se quisessem cortar estrelas. (*de volta para a carta. Crescendo*) O tempo passou e nos envolvemos cada vez mais. E mais, e mais, e cada vez mais dançamos juntos, e as palavras continuavam cada vez mais doces sussurradas em meus ouvidos. Então criei coragem e disse que estava esperando um filho (*corte na música*).

(*diálogo imaginário*) Amante — Um filho? Grávida? Está louca? Eu sou um homem casado, um pai de família honrado. Você sabe disso, sempre soube. Eu sou um homem público, um jornalista respeitado e famoso. Tenho um nome e uma reputação a preservar. Esse filho é seu!

Alfonsina — Meu? Nosso!!! Eu sou uma atriz, uma professora, uma poetisa. Também tenho meu trabalho. Também tenho um nome a zelar.

Amante — Uma atriz? Uma mundana, isso sim. Te conheci num sarau. Uma puta!

Alfonsina — Puta? Então você me quer branca, de espuma, pérola, doce flor, pura, e acima de tudo casta, perfumada, de pétalas fechadas. Que nem os raios da lua me atravessem, nem outras flores me tenham por companheira. Você me quer branca, de neve. Você, logo quem, que bebeu em todos os copos, os lábios lambuzados de mel e de frutos. Me quer branca — Deus te perdoe! Me quer casta... É muita pretensão. Vivi a minha vida inteira cercada de homens assim, homenzinhos, até que hoje lhe digo: Homenzinho, homem pequenino, solta teu canário que eu vou voar. Estive em tua gaiola, homenzinho. Digo pequenino porque não me entende, nem nunca vai. Eu também não te entendo, mas, enquanto isso, abra a gaiola que eu quero voar. Olha aqui, homenzinho, te amei por meia hora, não me peça mais que isso, agora não me procure mais. (*retorna música*)

CENA: AMOR / EROTISMO (após a saída do amante)

(enterra a carta no chão)

Eu nem gosto de homens mais velhos. Os jovens são bem mais interessantes.

(fala ao ouvido de alguém DA PLATÉIA)

— Não é você quem me engana. Quem me engana é meu próprio sonho. Passe o batom em mim, por favor.

Se quer me beijar, beija. Eu compartilho teus desejos *(se deita com maço de poemas)*

Me dê teu corpo belo, jovem, de sangue puro, tão moderno na arte de amar. Demora a tua boca na minha. A tua sabedoria não me obriga à malícia, nem tua mente cristã me desperta rubores, nem marcas de prostitutas turvam teus amores. Tudo será delícia. E assim como a Eva, quando, quente e fera, as verdades supremas a ela foram reveladas, vai ficar em minhas mãos a embriagante doçura da primeira fruta.

Ah, se eu pudesse, sob negros olhos cegos, te comeria o coração com dentes de leoa. Arde em teus olhos o sangue que é meu e em teus lábios o deus Pan esmaga doces uvas convidativas. E assim, flor sem ar, flor em gruta, me espremo toda em ti como uma fruta, e entre tuas mãos me abandona a vida.

Nesse momento sou tua, Deus sabe por que, e eu já compreendo — vai me largar amanhã — outro desejo te chama sob o encanto de meus olhos, e eu não te prendo. Espero que um dia isso acabe enfim. Mas eu vejo nesse instante o que você quer. E com voz indiferente de fala de outra mulher, ou outra, e mais outra — até ensaio um elogio dela pra você. Mas, orgulhoso de algo que te pertenceria, você persiste nesse jogo enganoso, se achando protagonista do drama que eu componho. E eu te olho com meu sorriso vivo, e quando você se entusiasma penso: calma querido:

Não é você quem me engana, quem me engana é meu próprio sonho.

Ah, homem! Homens! Quero que não me entenda, mas que me dê doçura. Eu ando meus próprios caminhos, homem, filho de mulher. Entenda a minha loucura.

E esses olhos que se alongam em me examinar? E essa tua língua que se alonga me chamando? Alfonsina. Alfonsina. Alfonsina. E teus braços longos atijando minhas chamadas? E essa tua sombra longa atrás de minha sombra? Por que rondar minha casa, se no beijo de ontem findou minha viagem? Eu já conheço a tua alma. E pra que mais? A viagem terminou. Longe tuas mãos das minhas. Odeio esse teu olhar que se alonga, odeio tuas mãos longas. Odeio! Acolha meu desejo: me dê a tua morte, teu último olhar, teu abandono final, me dê tua covardia para que eu te possua inteiro, me dê isso quando tudo acabar.

Caia de joelhos, alma miserável, cega. Caia de joelhos e aprenda: aprenda a gozar. (*volta a tosse*)

7 Utilizada a tradução de Maria Teresa Almeida Pina.

Senhor, Senhor, faz já tanto tempo, um dia
Sonhei um amor como jamais pudera
Sonhá-lo ninguém, algum, amor que fora
A vida toda, toda a poesia...

E passava o inverno e não vinha,
E passava também a primavera,
E o verão de novo persistia,
E o outono me encontrava em minha espera.

Senhor, Senhor: minhas costas estão desnudas.
Faça estalar ali, com mão rude,
O açoite que sangra aos perversos!

Que a tarde já está sobre minha vida,
E esta paixão ardente e desmedida,
A hei perdido, Senhor, fazendo versos! (*arremessa pemas ao ar*)⁷

CENA: AMOR / EROTISMO (após o poema **O rogo**)

Meus versos... meus poemas... meus textos... livros... meus dramas...

Eu fiz uma peça de teatro, a minha primeira “O dono do mundo”. Fui tão arrasada e destruída pela crítica. Será por que minha heroína, como eu, não se calava, não ficava reclusa dentro de casa? Pode uma mulher mãe solteira ter o direito de fazer o que quiser de sua vida? (*Pega críticas de jornais*).

“A tese da peça é que os homens, em seu orgulho e egoísmo, devem ser criticados pelo sofrimento que causam às mulheres, o que transforma um tema feminista em apologia do poder masculino. A Senhora Alfonsina denigre o homem e bla bla, bla bla... Bobagem, meu caro crítico.

Você precisa compreender que uma pessoa como eu, que entrou em contato com a vida de um modo tão direto, de um modo viril, assim por dizer, não poderia viver, pensar ou agir como uma menina escondida entre as quatro paredes de sua casa. Minha literatura teve que refletir isso, que é a minha verdade mais íntima: tive que viver como se fosse um homem. Eu reclamo para mim uma moral de homem e não faço mais que antecipar a mulher que virá. Nossa sociedade, no entanto, repousa ainda na família. A família com base na autoridade masculina, que provê o sustento.

Sofro achaques de desconfiança contra mim. Esses achaques me fazem mal. Vou dormir, sonho. Logo a febre me possui e esqueço tudo. Nesses momentos produzo, publico. E o conjunto desses fatos se prolonga sem variações sobre a mesma espiral. É que as mulheres nos custam muito! Custa-nos tanto a vida! Essa nossa sensibilidade exagerada, o mundo complicado que nos envolve, a desconfiança sistematizada em volta, aquela terrível e permanente presença do sexo de que tudo que a mulher faz para o público, tudo contribui para nossa paralisia. Se procuramos nos manter de pé é graças a uma série de astúcias por meio das quais rompemos com as redes maldosas que buscam nos envolver. Assim em roupas limpas, nos mantemos na luta. “É uma cínica”, alguém dia. “É uma histérica!” diz outro. Alguma voz solitária profere silenciosamente: “É uma heroína”. Ao fim, tudo isso é nosso século, chamado de século da mulher. Mal se veem os espíritos femininos deixarem cair o sol em suas almas, e logo devolvem ao universo unguento de seu perfume íntimo, de sua mais profunda verdade. Ação generosa, quem a estima? Será por acaso? Por que uma alma desnuda é um espetáculo digno apenas dos deuses?

Hein, senhor crítico Leopoldo Lugones?!

Meus versos... meus poemas... meus textos... o envelope... (*abre o envelope. Tosse.*)

CENA: POEMA DIANTE DO MAR⁸

Oh, mar, enorme mar, coração feroz
de ritmo desigual, coração mau,
eu sou mais tenra que esse pobre madeiro
que, prisioneiro, apodrece nas tuas vagas.

Oh, mar, dá-me a tua cólera tremenda,
eu passei a vida a perdoar,
porque entendia, mar, eu me fui dando:
“Piedade, piedade para o que mais ofenda”.

Vulgaridade, vulgaridade que me acoisa.
Ah, compraram-me a cidade e o homem.
Faz-me ter a tua cólera sem nome:
já me cansa esta missão de rosa.

Vês o vulgar? Esse vulgar faz-me pena,
falta-me o ar e onde falta fico.

8 Tradução deste poema de José Agostinho Baptista, com pequenas modificações minhas.

Quem me dera não compreender, mas não posso:
é a vulgaridade que me envenena.

Empobreci porque entender aflige,
empobreci porque entender sufoca,
abençoada seja a força da rocha!
Eu tenho o coração como a espuma.

Mar, eu sonhava ser como você,
além nas tardes em que a minha vida
sob as horas cálidas se abria...
Ah, eu sonhava ser como você...

Olha para mim, aqui, pequena, miserável,
com toda a dor que me vence, com o sonho todos;
mar, dá-me, dá-me o inefável empenho
de tornar-me soberba, inacessível.

Dá-me o teu sal, o teu iodo, a tua ferocidade,
Ar do mar!... Oh, tempestade! Oh, enfado!
Pobre de mim, sou um recife
E morro, mar, sucumbo na minha pobreza.

E a minha alma é como o mar, é isso,
ah, a cidade apodrece-a engana-a;
pequena vida que dor provoca,
quem me dera libertar-me do seu peso!

Que voe o meu empenho, que voe a minha esperança...
A minha vida deve ter sido horrível,
deve ter sido uma artéria incontível
e é apenas cicatriz que sempre dói.

CENA: REVELAÇÃO DO ENVELOPE
LÊ QUE ESTÁ COM METÁSTESSES, QUE O CÂNCER SE ESPALHOU
PELO CORPO

CENA: POEMA VOU DORMIR
Dentes de flores, touca de orvalho,

mãos de ervas, você, minha camareira,
coloque sobre mim lençóis de terra
e a colcha de musgos espinhentos.

Vou dormir, minha camareira, me deite,
Coloque um abajur na cabeceira,
uma constelação, o que te agradar,
todos são bons agora. Um pouco menos de luz.

Me deixe sozinha: ouve que os brotos se abrem,
te acena um pé celeste, lá de cima,
e um pássaro te traz música

para o esquecimento. Obrigado. Ah, um pedido:
se ele me ligar novamente
diz pra não insistir, que eu fui embora.

4 PARTITURA E LETRA DA CANÇÃO MAR E MORTE

As sílabas finais dos versos são cortadas, fazendo a sensação das ondas que vêm e vão umas sobre as outras.

- 1) O mesmo mar que me levou, me trouxe para esse lugar. E agora eu sei que tudo enfim é muito mais que eu possa imagi-
- 2) Naveguei entre estações que a vida conduziu pra mim. E eu vi um céu de puro azul, as ondas mergulhadas nos meus –
- 3) Olhos que eu busquei além me fazem muito mais feliz, as águas plenas, meu vigor, o meu poema sem cantor, amor.

Mar e Morte

Letra e Música:
Marcus Mota

♩=100

O mes - mo mar que me le - vou, me trou - xe pa - ra'es -

se lu - gar. E'a - go - ra'eu sei que tu - do'en - fim é mui - to mais que'eu

pos - sa'i - ma - gi

ANEXO I

Cartaz da primeira temporada

VESTIDA DE MAR

Texto e Direção: Ricardo César

Com: Gelly Saigg



De 22 de Julho a
14 de Agosto de 2011

Sextas e Sábados - 21h

Domingos - 20h

Local: Teatro Goldoni